

## AFIRMANDO A IDENTIDADE NEGRA POR MEIO DOS MITOS AFROBRASILEIROS E AFRICANOS?

Reijane Maria de Jesus Oliveira (PÓS-CRÍTICA - UNEB)

Orientadora: Prof. Dra. Maria Anória de Jesus Oliveira

*Resumo:* Embora possamos contar com uma produção quantitativa sobre as culturas afro-brasileiras e africanas em nosso país, ainda carecemos de mais estudos, da seleção e divulgação de subsídios teóricos e literários acerca da mesma, para melhor subsidiar os (as) educadoras (es). Atentando-nos a essa demanda, realizaremos a análise de alguns livros literários infantis contemporâneos, cuja temática centra-se na mitologia dos orixás. No decorrer do percurso, realizaremos a pesquisa bibliográfica e de campo, nos respaldando em pertinentes fundamentações teóricas e críticas. Através do resultado da presente pesquisa, almejamos abrir trilhas para novas travessias na área em questão.

*Palavras-chave:* Lei 10.639/03. Literatura infantil. Mitos afro-brasileiros e africanos.

### INTRODUÇÃO

Lidos apropriadamente, os mitos nos deixam harmonizados com os eternos mistérios do ser, nos ajudam a lidar com as inevitáveis transições da vida e fornecem modelos para o nosso relacionamento dessas sociedades com o mundo que partilhamos com todas as formas de vida. (Clyde Ford)<sup>1</sup>

Devido as nefastas conseqüências do racismo em nossa sociedade, conforme pode ser constatado em estudos nas diversas áreas de conhecimento, a exemplo do campo da literatura, educação e das ciências sociais<sup>2</sup>, tendem-se a desvalorizar e/ou rejeitar as certas influencias culturais de origens africanas. Dentre estas nos interessa, especificamente, os mitos afros re/contados nas narrativas destinadas às crianças e/ou aos jovens. Tal situação ocorre por causa da política de exclusão e negação do “outro” e do que historicamente foi considerado “estranho” pelos colonizadores europeus. Estranho não só por conta dos fenótipos físicos como, também, pelas tradições culturais distintas dos colonizadores que, no desejo de dominá-los foi, ao longo do tempo, criando estratégias para manter as situações de superioridade branca *versus* inferioridade negra.

A despeito das diversas resistências negras através das rebeliões, das recriações religiosas para favorecer novos laços familiares e outras articulações para sobreviver e lutar contra os colonizadores, os mitos, isto é, narrativas que trazem à cena diversos modos de ser, viver e auto afirmar-se, à medida que de tais narrativas se insurgem deuses e seres comuns que destoam do cristianismo, que dançam, celebram a vida, amam, duelam entre si, vivenciam os sabores e saberes terrestres sem, no entanto, se limitar ao plano de um deus supremo, opressor e divino. Esses deuses e deusas tem a cor da tez negra, cabelos crespos e, quando necessário, travam duelos entre si para fazer valer seus

---

<sup>1</sup> Mais adiante retomaremos essa epígrafe.

<sup>2</sup> Os quis serão utilizados aqui, em nossa explanação. Alguns deles são: Clyde W. Ford (1999), Ney Lopes (2008) e KabengueleMunangae Nilma L. Gomes (2004).

propósitos. Entrelaçam-se, assim, as culturas de origem africana e afro-brasileiras, recriadas na diáspora através de tais mitos.

Trata-se, assim, de um campo amplo que vem deixando legados para a inserção de saberes marginalizados que, ao longo do tempo, foram desqualificados e/ou concebidos como inferiores aos legados ocidentais. Tem-se, assim, a possibilidade de incluir tais saberes, modos de ser, viver e se expressar culturalmente. É nessa linha de pensamento que entendemos, também, o papel social do programa de mestrado pós-critica.

Uma das reflexões importantes para se repensar tais mitos advém das noções de literatura menor efetivadas por Deleuze & Guattari: “Uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior.” a qual é transformada por um intenso nível de desterritorialização. Assim, como ele nos mostra no texto por uma literatura menor:

Via de regra, com efeito, a língua compensa sua desterritorialização por uma reterritorialização no sentido. Deixando de ser o órgão de um sentido, tornando-se instrumento do Sentido. E é o sentido, como sentido próprio, que preside à atribuição de designação dos sons (a coisa ou estado de coisas que a palavra designa), e, como sentido figurado, à atribuição de imagens e de metáforas (as outras coisa a que a palavra se aplica sob certos aspectos ou certas condições). (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 31).

Ou seja, o “menor”, aqui, é visto enquanto potencia prescindindo-se, sob essa ótica, a visão reducionista dos grupos hegemônicos, na tentativa de desqualificar as alteridades.

Em 2014 completou onze anos de promulgação da Lei Federal 10.639/03, através da qual se alterou a LDB 9.394/96, tornando obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as áreas. No entanto, observamos que essa medida não foi implementada, de fato até a presente data. Nesse contexto, compreendemos que a literatura infantil pode ser um instrumento importante para atuar na sala de aula.

#### Mitos afro-brasileiros e africanos na sala de aula: as diferenças enquanto potencias

[...] a mitologia tem sido tradicionalmente um meio de tornar saudável o indivíduo e a sociedade ajudando as pessoas a harmonizar as circunstâncias da vida [...] (FORD, 1999, p. 32).

Os mitos possuem muita importância para a cultura de um povo, pois através deles nos é permitido conhecer sua concepção de mundo, ainda que se utilize do fantasioso, uma vez que ele carrega muitas informações sobre os seus valores e expectativas. Nessa linha de pensamento, Bárbara Carvalho (1982) informa que:

O mito é a epopeia da humanidade; é a própria história existencial do homem. Ele contém a presença das origens místico-religiosas e éticas, criando arquétipos ou paradigmas, e revelando cultos e rituais secretos. O mito não é apenas uma

revelação, mas uma fixação de valores paradigmáticos, na busca de padrões de comportamento (CARVALHO, 1982, p. 24).

Ou seja, através de um mito e da compreensão de suas metáforas podemos perceber se estamos mantendo os padrões de comportamento que nele aparecem muitas vezes de forma implícita, funcionando como mecanismo de controle social. Nossa viagem se intensifica quando realmente nos identificamos com os personagens da história, mais ainda quando a identificação acontece com o personagem principal, com o herói. É nessa perspectiva, com o intuito de fortalecer abordagens acerca da afirmação das identidades negras, por parte das crianças e jovens, que compreendemos a relevância social dos referidos mitos, visto que entendemos se tratar de

Um dos caminhos para a socialização dos estudantes, ao propiciar-lhes a viagem imaginária a mundos distantes da sua realidade mas, ao mesmo tempo, próxima às suas identidades. A começar pelos fenótipos dos personagens, pelas matrizes de origens africanas, pelas complexidades existenciais que podem ser suscitadas por meio das narrativas, como pode ser observado, por exemplo, nos estudos de Oliveira (2010). E, também, Silva (2011), em suas respectivas teses de doutoramento.

É importante esclarecer que identidade, aqui, corresponde às características próprias das populações. Em se tratando da população negra, as origens africanas constituem importantes laços sócio culturais recriados na diáspora, no caso do Brasil, como também explica Silva (2011). Os mitos afro-brasileiros e africanos podem ser caminhos a se traçar novas rotas de diálogo entre o continente africano e sua diáspora. Esse é ponto de vista de Oliveira (2010), Silva (2011) e, em nosso caso, seguimos essa mesma linha de pensamento.

É importante, contudo, explicar que nos referimos a esses mitos enquanto gêneros provenientes das tradições orais (SILVA, 2011) recriadas por via de textos escritos (nosso objeto de estudos). São, ainda, narrativas que visam à explicação da origem das coisas presentes no mundo:

Nos mitos, denuncia-se o fecundo elã inicial do homem em direção à ciência (desejo de explicar o que o rodeia); em direção à religião (desejo de explicar a si próprio, sua origem, seu destino); em direção à poesia (desejo de expressar seus sentimentos e atingir sensações irreprimíveis). Pelo mito, o homem, que não sabia nada, senão que vivia, tornou vivas todas as maravilhas ao alcance de seus olhos ou de suas mãos. [...] Cada povo da antiguidade tem seus mitos característicos, intimamente relacionados com sua religião ancestral e com sua alma poética. [...] o homem primitivo fez de cada verdade (por não sabê-la tal, por não saber prová-la como tal) um mito. Ao homem moderno corresponde fazer de cada mito uma verdade, por que o mito a encerra indiscutivelmente. (COELHO, 2003, p. 86)

Das explicações de Coelho (2003, p. 86), interessa destacar a relevância social dos mitos para entender e justificar determinados fatos, modos de ser, viver e conceber realidade, os acontecimentos sociais por determinadas civilizações, tomando-se tais acontecimentos enquanto

verdadeiros. É importante reiterar que “Cada povo da antiguidade tem seus mitos característicos, intimamente relacionados com sua religião ancestral e com sua alma poética”. O homem, no entanto, em sua ânsia de qualificar determinadas tradições ancestrais vem, por outro lado, atribuindo mais importante a algumas dessas tradições em detrimento de outras, as hierarquizando.

Amparados por justificativas imaginárias, num dado momento das sociedades, os mitos foram bastante informativos acerca das origens e, dos homens. Era o período das experiências, experiências estas que se alimentavam do cotidiano que, por sua vez, se pautava na autoridade (AGAMBEN, 2005).

Ford (1999, p. 32) nos afirma que: “[...] numa outra leitura, os mitos são absolutamente verdadeiros – não como fatos, mas como metáforas; não como física, mas como metafísica. Porque a reflexão mitológica começa onde para a investigação científica.” Sendo assim, podemos afirmar que os mitos possuem certa veracidade, uma vez que funcionam como modelo para a sociedade, no que diz respeito às suas simbologias.

Na sala de aula, os mitos afro-brasileiros e africanos podem ser utilizados como metodologia para se trabalhar a diversidade cultural presente no Brasil, ao passo que informa aos alunos através das interpretações destes sobre um determinado mito a forma de compreensão de mundo e do comportamento dos povos do qual origina-se a história contada. Tal resultado potencializa-se quando utilizamos o método da pesquisa-ação:

A pesquisa-ação obriga o pesquisador de *implicar-se*. Ele percebe como está *implicado* pela estrutura social na qual ele está inserido e pelo jogo de desejos e de interesses de outros. [...]. Ele compreende, então, que as ciências humanas são, essencialmente, ciências de interações entre sujeito e objeto de pesquisa. O pesquisador realiza que sua própria vida social e afetiva está presente na pesquisa sociológica [...]. O pesquisador descobre que na pesquisa-ação, que eu denomino de pesquisa-ação existencial, não se trabalha *sobre* os outros, mas e sempre *com* os outros. Ele não apresenta sozinho seu relatório de pesquisa ao solicitante da pesquisa [...], sem antes o ter apresentado ao seu grupo de pesquisa de campo, principal interessado (BARBIER, 2004, p. 14-15).

Conforme Clyde Ford (1999), em nossa epígrafe inicial:

Lidos apropriadamente, os mitos nos deixam harmonizados com os eternos mistérios do ser, nos ajudam a lidar com as inevitáveis transições da vida e fornecem modelos para o nosso relacionamento dessas sociedades com o mundo que partilhamos com todas as formas de vida. (FORD, 1999, p. 9).

Os mitos, para Clyde Ford (1999), geralmente apresentam a figura de um herói, que costuma livrar a humanidade ou apenas um povo de uma determinada região de um mal comum a todos, surge na sala de aula como uma forma de ressignificar a auto-estima dos alunos – em referência ao público afro-brasileiro – uma vez que estes terão contato com os heróis, com aqueles que

fisicamente seriam bastante semelhantes aos ouvintes das histórias, auxiliando estes a conhecerem seus libertadores, os grandes homens ou deuses que realizaram grandes feitos para a humanidade. Dentro desse ponto de vista e, ainda às voltas com as reflexões sobre os mitos, Clyde Ford (1999, p. 31) afirma que:

Conhecemos muito bem esses contos sobrenaturais de seres descomunais. Eles sempre nos entretêm e inspiram, mas devem ser sempre levados a sério?Ao analisá-las, vemos que essas aventuras de heróis são mais do que o enredo da história; elas falam, por metáforas, da aventura humana pela vida. Os desafios do herói são os nossos, as inevitáveis transições que cada um de nós enfrenta na vida: nascimento, amadurecimento, entraves, conquistas, dor, prazer, casamento, envelhecimento e morte. (FORD, 1999, p. 31)

Essas etapas pelas quais passam os heróis, nós os ouvintes da história também vivenciamos. E esta identificação com o herói negro funciona como um mecanismo de afirmação da identidade negra (OLIVEIRA, 2010). Os mitos, originados na antiguidade, continuam a ser re/criados, sobrevivendo para além dos povos que os originaram. Isso, devido às novas versões e constantes atualizações, além, do processo de adaptação e constantes recriações, seja nas terras africanas, seja na sua diáspora. Importa, por isso mesmo, adentrar esses caminhos em suas multifacetadas formas textuais, a exemplo das produções escritas, sob perspectivas do rizoma (DELEUZE & GUATARRI (1997).

## **O INICIO DA CAMINHADA**

Para a realização do projeto de pesquisa optou-se por realizar estudo de caso qualitativo, que consistirá no levantamento de informações e estudo a respeito das contribuições dos mitos e contos de temática africana para a afirmação da identidade negra de crianças. As fontes de coletas de dados que serão utilizadas consistem em: questionário fechados; contação de história; história de vida; e pesquisa bibliográfica.

Com o intuito de contemplar a diversidade cultural presente no Brasil, é que propomos discutir a importância de conto de temática africana para a afirmação da identidade étnico-racial de crianças negras, estudantes de escola pública. Para a realização da mesma inicialmente realizaremos pesquisa bibliográfica sobre a questão étnico-racial, depois serão selecionadas obras infanto-juvenis consideradas inovadoras. Finalizada a etapa de seleção de tais obras, será realizada pesquisa de campo, em que trabalharemos com as histórias de vida, questionário fechado e contação de história de e mitos de temática étnico-racial e observaremos como tais crianças reagem. A partir da observação, coletaremos os dados do trabalho realizados em Escola, no Município de Aramari. Nos

pautaremos também no embasamento teórico a partir de pesquisas bibliográficas já realizadas sobre as temáticas aqui relacionadas, em diversas áreas do conhecimento.

Traçaremos diálogos com vários pesquisadores, dentre os quais destacamos Fúlvia Rosemberg, Heloísa Pires Lima, Andréia Lisboa, Maria Anória J. Oliveira, Venâncio, HampatéBâ, Nilma Lino Gomes, KabengueleMunanga e Carlos Moore.

Para a coleta de dados serão utilizadas técnicas de observação e aplicação de questionário, que após ter os dados tabulados permitirá maior clareza e organização na última etapa da pesquisa, que consiste na elaboração do texto da dissertação.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. 188p.

BARBIER, René. *A pesquisa-ação*. Trad. Lucie Didio. Brasília: Líber Livro Editora, 2004.

BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*, SECAD/MEC, Brasília, 2005.

CAVALEIRO, Eliane S. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 1998.

COELHO, Nelly Novais. *O conto de fadas: símbolos, mitos, arquétipos*. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2003.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. O que é uma literatura menor? In: *Kafka: para uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Introdução: rizoma. In: *Capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Ana Lúcia Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DERRIDA, Jacques. Posições. In: *Posições*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FORD, Clyde W. *O herói com rosto africano: mitos da África*. Trad. Carlls Mendes Rosa. São Paulo: Summus, 1999.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11 ed. Trad. Tomaz T. da Silva e Guacira L. Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart; SOVIK, Liv. UNESCO. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Trad. Adelaine La Guardia Resende [et al.]. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: Unesco, 2003.

LOPES, Nei. Bantos. *Malês e identidade negra*. Belo Horizonte: Autentica editora, 2008. 224p.

MOORE, Carlos. *Racismo & sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2008.

MUNANGA, Kabenguele; GOMES, Nilma Lino. *Para entender o negro no Brasil hoje: história, realidade, problemas e caminhos*. São Paulo: Global, 2004.

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. *Personagens negros na literatura infanto-juvenil brasileira e moçambicana (2000 – 2007): entrelaçadas vozes tecendo negritudes*. Tese (Doutoramento em Letras). Departamento em Letras, UFPB, João Pessoa, 2010.

SANTIAGO, Silvano. A democratização no Brasil (1979-1981): cultura versus arte. In: *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

SILVA, Celso Sisto. *Bô Sukuta! Kada kin su manera: as junbai tradicionais africanas recriadas na literatura infantojuvenil brasileira, eué!* Tese (Doutoramento em Letras). Departamento de Letras. PUC-RS, Rio Grande do Sul, 2011.